



BLOGS |

Herdeiros da paxiúba rumo à Olimpíada 2016

Liana John - 22/01/2015 às 13:14



Até 2012, eles corriam leves e silenciosos por igapós, campinaranas e terra firme do **Amazonas**, atrás de alvos vivos e fugidios. Carregavam 200 gramas de **paxiúba** vergada pela corda de **tucum** e um punhado de varas de **flecheiras**. Agora, treinam em **Maricá**, no **Rio de Janeiro**, diariamente, das 7h00 às 13h00 e das 14h30 às 19h00. Sustentam

arcos de 2,5 quilos e lançam 500 flechas por dia em alvos fixos e coloridos. **Dream Braga**, de 17 anos, e **Nelson Moraes** (Inha), de 14 anos, são os dois **arqueiros indígenas** selecionados para integrar a seleção brasileira de **Tiro com Arco** e disputar os **Jogos Olímpicos 2016**. Ambos são da etnia kambeba.

Eles foram observados em suas aldeias pela caça-talentos e treinadora de atletas **Márcia Lot**, formada em **Educação Física** e “convocada” por **Virgílio Viana**, superintendente da Fundação Amazonas Sustentável (**FAS**) para montar o projeto **Arquearia Indígena**. Durante um ano, Márcia percorreu aldeias de 30 etnias indígenas ao longo dos rios **Negro** e **Solimões**, observando cerca de 300 jovens de 14 a 19 anos. “Os menores de 14 anos são muito jovens, não dá para tirar do convívio familiar e levar para uma Vila Olímpica, e os maiores de 19 já cresceram, têm a musculatura condicionada”, explica a especialista, confiante em seu olho clínico para descobrir “diamantes brutos”.

Oitenta jovens, de oito comunidades diferentes, passaram na primeira peneira e 12 jovens passaram na segunda, sendo encaminhados para três temporadas de treinamento intensivo na **Vila Olímpica de Manaus**. Seis deles foram então selecionados e se mudaram para a capital amazonense, passando a treinar diariamente. Os jovens não selecionados continuam os treinamentos em suas comunidades e a cada 3 meses passam por cursos intensivos em Manaus.

Pelo fato de ganharem seus primeiros arcos e flechas tradicionais aos 3 a 4 anos de idade, os arqueiros indígenas logo manifestam uma intimidade com o Tiro ao Arco que os atletas não índios demoram em adquirir, sobretudo num país sem tradição neste esporte, como o **Brasil**. “Não é só ter pontaria, conseguir acertar o alvo. Um arqueiro precisa de outras virtudes, precisa ser centrado, ter equilíbrio emocional. Nós somos como garimpeiros, nosso trabalho é encontrar pedras preciosas para lapidar que sejam verdadeiras. E devemos ter muito cuidado, ao longo da história, para que a lapidação não estraçalhe com a pedra”.

Entre os cuidados estão, por exemplo, a montagem do arco adequado para cada atleta e o tempo certo para o desenvolvimento da musculatura. Dream é canhoto, algo raro entre arqueiros, e precisa de um arco diferenciado. E Inha é bem precoce: foi selecionado aos 13 anos e já faturou **ouro** no **Campeonato Brasileiro Escolar**. Obteve, com isso, o primeiro lugar no ranking nacional, na categoria infantil masculino, com uma grande folga em relação ao segundo colocado.

Os componentes, o peso e o formato dos equipamentos esportivos – sejam os escolares ou os olímpicos – são muito diferentes dos arcos e flechas manejados pelos arqueiros indígenas desde pequenos. As características dos materiais oriundos da **biodiversidade amazônica** não se comparam às da fibra de vidro, polímeros sintéticos e compostos de carbono dos arcos de competição. Mas o desempenho dos atletas, sim, pode ser comparado. E com vantagem para os indígenas.

A madeira da paxiúba (*Socratea exorrhiza*), da qual é feito o arco indígena, é muito resistente e também serve para fazer barcos e bengalas, além de ripas de construção. A espécie ocorre em áreas sujeitas a inundações, como as várzeas do

rio Solimões. Trata-se de uma **palmeira** de aspecto muito peculiar, devido às grandes raízes de fixação, semelhantes às de algumas árvores de manguezais. Daí vem o nome científico *exorrhiza*, cujo significado é raiz externa.

A corda usada para envergar a paxiúba é feita com as fibras de tucum (*Bactris sectosa*), outra palmeira, da mesma família da paxiúba (**Aracacea**). Essas fibras são tiradas do caule (que pode chegar a 15 metros) e enroladas à mão. Ou melhor, fiadas. A linha é tão forte e difícil de arrebentar que ganhou o apelido de “linha da lealdade”. Serve para pescar de anzol ou para tecer redes, além de uma extensa lista de peças de artesanato.

Já as flechas são feitas de caules de plantas conhecidas como **flecheira** ou **flecheira-da-mata**, parecidas com bambuzinhos. Os nomes comuns provavelmente se referem a mais de uma espécie. Os caules são longos, leves e resistentes. A ponta das flechas pode ser feita de paxiúba, **pau-brasil** ou outra madeira nobre. Ou ainda de metal, quando a caça visa animais maiores, de couro mais duro.

Acostumados a esses materiais tradicionais, os arqueiros indígenas precisam se adaptar à *performance* dos materiais esportivos para evitar futuras lesões. A transição faz parte da “lapidação” destacada por Márcia Lot. Por isso, os treinos são muito importantes e devem ser personalizados. Felizmente, desde cedo a FAS optou por se credenciar pela **Lei de Incentivo ao Esporte** e conta com três patrocinadores para o projeto Arquearia Indígena: **Bradesco, Fogás e Bemol**.

Com apoio adequado, os dois jovens atletas – Dream e Inha – podem mirar com mais tranquilidade a **Olimpíada do Rio de Janeiro**, em 2016. E seus companheiros de arquearia também continuam de olho nos alvos dos campeonatos escolares, nacionais e internacionais ou mesmo dos **Jogos dos Povos Indígenas**, realizados no Xingu.



Fotos: Chema Lins (treinamento da aldeia, ao alto) e Renzo Gostoli/FAS (Dream Braga, na Vila Olímpica, acima)

Leia também **O resgate do arco e flecha** aqui no site do Planeta Sustentável.

ver este post

comente

Comentários

Não há nenhum comentário. Seja o primeiro!

Deixe aqui seu comentário:

Preencha os campos abaixo para comentar, solicitar ou acrescentar informações. Participe!

Seu nome:

Seu e-mail:

Enviar

Biodiversa



LIANA JOHN

é jornalista ambiental. Escreve sobre conservação, mudanças climáticas, ciência e uso racional de recursos naturais há quase 30 anos, nas principais revistas e jornais do país. Ao somar entrevistas e observações, constatou o quanto somos todos dependentes da biodiversidade. Mesmo o mais urbano dos habitantes das grandes metrópoles tem alguma espécie nativa em sua rotina diária, seja como fonte de alimento ou bem-estar, seja como inspiração ou base para novas tecnologias. É disso que trata esse blog: de como a biodiversidade entra na sua vida. E como suas opções, eventualmente, protegem a biodiversidade.

Arquivos de posts

2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | **2015**

MAY 2015 - (3)

APRIL 2015 - (2)

MARCH 2015 - (3)

FEBRUARY 2015 - (4)

JANUARY 2015 - (4)

Nuvem de tags

Amazônia anti-inflamatório antioxidante araras açaí bactérias biodegradável biodiesel **biodiversidade** biodiversidade brasileira biologia biomimética Caatinga cana-de-açúcar **Cerrado** clima cochonilha controle biológico COP19 corais cosméticos **Embrapa** emissões emissões de carbono espinhas do rosto Fapesp fungos inhabitat **insetos** Instituto Arara Azul joaninha lixo mandacaru mandioca mel microalgas mudanças climáticas parasitas praga preguiça Protocolo de Kyoto queijo mineiro reciclagem semiárido Serra da Canastra sertão nordestino Terroir **tratamento de água** vinhaça água

Outros Blogs

 **A HUMANIDADE CONTRA AS CORDAS**

 **BLOG DO CLIMA**

 **MUITO ALÉM DA ECONOMIA VERDE**

 **PARCEIROS DO PLANETA**

 **PLANETA ÁGUA**

 **SEMANA ABRIL DE JORNALISMO AMBIENTAL**

 **AGRISUSTENTA**

 **BIOGÁS: A ENERGIA INVISÍVEL**

 **CORPORAÇÃO 2020**

 **NA GARUPA**

 **PLANETA URGENTE**

 **PROSPERIDADE SEM CRESCIMENTO**

 **SUSTENTÁVEL NA PRÁTICA**

 **BICHOS DO PANTANAL**

 **BLOG DA REDAÇÃO**

 **GAIATOS E GAIANOS**

 **O DIVERGENTE POSITIVO**

 **PLANETA EM AÇÃO**

 **QUANDO NEGÓCIOS NÃO SÃO APENAS NEGÓCIOS**

 **URBANIDADES**

Patroínio



Siga o Planeta

